



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A CATEGORIA DE ANÁLISE “REGIÃO” DISCUTIDA SOB A ÓTICA DA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E COMBINADO E SUA (DES)DISCUSSÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline Farias Fialho
(UESB)

Mariana Lemos Moreira**
(UESB)

Nerêida M^a S. M. Benedictis***
(UESB)

RESUMO

A região é uma importante categoria de análise da geografia, está sempre presente nos conteúdos relacionados aos livros didáticos dessa disciplina. Essa categoria de análise na vertente dialética, pode apresentar significados diferentes, dependendo da concepção que os autores sustentam para fundamentar sua interpretação. A discussão sobre a variedade dessas leituras a respeito da categoria regional nem sempre atinge a esfera do ensino fundamental, pois muitos livros didáticos, principais ferramentas utilizadas pelos professores, para expor seus conteúdos em sala de aula, não apresentam tais discussões. É nesse quadro que se desenvolve o presente artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento desigual e combinado, Região, Livro didático.

· Graduanda do VI Semestre do Curso de Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculada ao grupo de pesquisa: Educação, Políticas públicas, Meio Ambiente e Representações. E-mail: alineffialho@yahoo.com

** Graduanda do VI Semestre do Curso de Geografia pela Universidade Estadual Sudoeste da Bahia (UESB), vinculada ao grupo de pesquisa: Educação, Políticas públicas, Meio Ambiente e Representações. E-mail: mariana.lm10@hotmail.com

*** Professora Mestre do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculada ao grupo de pesquisa: Educação, Políticas públicas, Meio Ambiente e Representações. E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por objetivo estudar a importância do conceito de região sob a luz do método dialético no livro didático de Geografia do 7º ano do Ensino Fundamental. Partiu-se da análise do livro didático intitulado Lições de Geografia: População e atividades econômicas, Regiões do Brasil, editado no ano de 1998, dos autores Helio Carlos Garcia e Tito Marcio Garavello.

Muitos professores têm o livro didático como única ferramenta, e alguns não realizam uma discussão crítica acerca dos temas tratados. Entende-se que o livro didático é um importante recurso para o professor de Geografia e por isso, há a necessidade de reavaliar a forma como alguns conceitos são desenvolvidos.

A questão regional: um breve histórico

Estudar a categoria região no Ensino Fundamental não é tarefa fácil. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, importante documento criado no ano de 1997, com o objetivo de estabelecer diretrizes pedagógicas, essa categoria é pouco citada. As categorias mais trabalhadas nessa etapa do ensino são: território, paisagem e lugar. Assim, essas são as categorias de análise mais “faceis” para os alunos compreenderem:

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação à sua faixa etária, ao momento da escolaridade em que se encontram e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. Embora o espaço geográfico deva ser o objeto central de estudo, as categorias paisagem, território e lugar devem também ser abordadas, principalmente nos ciclos iniciais, quando se mostram mais acessíveis aos alunos, tendo em vista suas características cognitivas e afetivas. (PCNs, 1997, p. 110).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Apesar da região se tratar de um conceito complexo, essa se constitui em uma importante categoria de análise da Geografia, por isso a mesma não deve ser abandonada, nem simplificada. Para facilitar a melhor compreensão desse conceito, faremos uma breve resgate histórico dos estudos relacionados a região e sua importância.

O conceito de região, assim como as demais categorias de análise da Geografia, assumem significados diferentes, de acordo com o método utilizado para sua interpretação.

A região natural, por exemplo, é definida como uma parcela da superfície terrestre, onde é caracterizada pela uniformidade, combinação e integração dos elementos da natureza, ou seja:

[...] a região natural, influenciada pela corrente determinista, que se caracterizava pela uniformidade dos resultados da combinação ou integração em áreas dos elementos da natureza, justificando a exploração dos recursos naturais por interesses econômicos; [...] (FRANÇA; LEITE, 2008, p.3).

Esse conceito considera, centralmente os aspectos físicos e naturais. Por outro lado, a região geográfica, apesar de não se diferenciar em muitos aspectos da região natural, considera também a participação do homem com relação a natureza. O homem constitui parte ativa da região, conforme verifica-se em:

[...]. Segundo essa perspectiva, “possibilista”, as regiões existem como unidades básicas do saber geográfico, não como unidades morfológica e fisicamente pré-constituídas, mas sim como o resultado do trabalho humano em um determinado ambiente. (CASTRO, CORRÊA, GOMES, 1995, p. 56).

Em oposição a esses dois conceitos, surge no que se convencionou chamar de Nova Geografia, uma região abstrata, baseada em dados estatísticos quantitativos.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Essa região não é concebida por meio de métodos empíricos, mas as intenções do pesquisador é que irão definir os critérios a serem utilizados na divisão regional:

[...]. Em outras palavras, é a técnica estatística que permite revelar as regiões de uma dada porção da superfície da Terra. Nesse sentido, definir regiões passa a ser um problema de aplicação eficiente de estatística: considerando-se os mesmos território, propósitos e técnica estatística, duas divisões regionais deveram apresentar os mesmos resultados, independentemente de terem sido feitas por dois pesquisadores distintos.[...] (CORRÊA, 2007, pp. 32-33).

Após esse breve retrospecto sobre os conceitos de região nas correntes geográficas abordadas anteriormente, convém fazer uma breve reflexão. A região natural, oriunda da corrente determinista desconsidera a sociedade em suas análises. Por outro lado a região geográfica, baseada em La Blach, considerou a ação do homem na delimitação de uma região. Contudo, a relação homem-meio, que faz parte da construção dessa região, é harmoniosa, o que ocasiona no escamoteamento das relações de classe presentes no binômio sociedade-natureza.

A Nova Geografia, baseada no neopositivismo, opõe-se à Geografia Clássica, alegando uma suposta “neutralidade científica”, e uma postura pragmática. A região que passa a ser descrita por métodos estatísticos, serve para dar suporte à expansão capitalista, organizando o espaço.

Na década de 1970 urge duas correntes críticas: a fenomenológica, e a de cunho marxista. A região é vista, nessas duas correntes, de forma diferenciada. Na fenomenologia, a região define-se, segundo França e Leite (2008) como: “uma construção mental individual inscrita na consciência coletiva” (FRANÇA; LEITE, 2008 p. 5). Na marxista, a região é considerada como parte de uma totalidade marcada pelas desigualdades analisadas à luz da divisão territorial do trabalho, como afirma Lecioni:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A perspectiva geográfica influenciada pelo marxismo, semelhante a outras correntes do pensamento geográfico, concebeu a região como parte de uma totalidade. A diferença agora residia no fato de que essa totalidade não era mais concebida nem como uma totalidade orgânica ou lógica, nem como uma totalidade harmônica. Foi concebida como uma totalidade histórica. Estava visível que essa não se constituía numa totalidade harmônica porque a preocupação, naquele momento, em denunciar as injustiças e as desigualdades sociais do capitalismo revelava os limites da compreensão do mundo como um todo harmônico. O mundo era percebido como uma totalidade não-harmônica, como um conjunto disjunto fazendo emergir como noção necessária para a análise a noção de diferença que se tornou central na condução das análises geográficas. Por isso que nas discussões da geografia os temas do desenvolvimento desigual e combinado e do subdesenvolvimento foram privilegiados como investigação (LECIONI apud CARLOS, 2001, p. 196).

Apesar dessas duas vertentes filosóficas recuperarem a dimensão histórica nas suas análises, a região na primeira, foi abordada de maneira subjetiva, onde a mesma derivava de um produto da consciência individual, marcada pelo sentimento de pertencimento a um determinado espaço. Já na perspectiva marxista, para alguns autores, a região foi concebida como algo concreto, resultado das relações das classes sociais, bem como da divisão territorial do trabalho.

Diante das discussões aqui apresentadas percebe-se que a categoria de análise região tem sido alvo de intensos debates dentro da ciência geográfica, haja vista que esse conceito tem sido foco de discursões e reflexões dentro das diversas correntes metodológicas dessa ciência. Cabe ressaltar aqui que daremos continuidade a essa obra discutindo a região em uma perspectiva pautada no materialismo histórico dialético, é importante frisar também que mesmo dentro dessa corrente há discordâncias entre os autores que se baseia nesse método para realizar seus estudos.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A região no materialismo histórico-dialético pautada no desenvolvimento desigual e combinado no livro didático do 7º ano do ensino fundamental

Durante a década de 70, no sentido de questionar a ideológica naturalização da ciência geográfica e, mais adiante, sua pretensa neutralidade científica, surge uma corrente de pensamento pautada na leitura das contradições sociais e na luta de classes, conforme apresentada no subtítulo anterior: a geografia com base no materialismo histórico dialético. Será com base nessa corrente, mais especificamente na teoria de Trotsky sobre o desenvolvimento desigual e combinado que faremos a análise do objeto de estudo dessa pesquisa: o livro didático de geografia do sétimo ano do Ensino Fundamental.

Dentro desse movimento de renovação da geografia, surgem inúmeras propostas de como o conceito da categoria de análise “região” poderia ser tratado sob o método dialético. De acordo com Correa (2007, p.18):

Assim, consideram-se o conceito de região e o tema regional sob uma articulação dos modos de produção, como faz Lipietz; através das conexões entre classes sociais e acumulação capitalista, conforme é o caso de Villeneuve; por meio das relações entre o Estado e a sociedade local, mostradas por Dulong; ou então, introduzindo a dimensão política, conexão de Chico de Oliveira ao fazer a elegia do Nordeste brasileiro.

Todas essas propostas de interpretação da categoria regional demonstram com clareza a necessidade de se romper e avançar nos debates regionais pautados no naturalismo, na pretensa harmonia entre os “componentes” dessa categoria, ou ainda nos incansáveis dados estatísticos que não cessaram, por muitas vezes, de escamotear a realidade. Contudo, neste trabalho, compreender-se-á a região como produto de um desenvolvimento que não é apenas desigual, mas, sobretudo, combinado.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Segundo Roberto Lobato Correa, que discute a região em uma perspectiva dialética sustentada nas discursões relacionadas ao desenvolvimento desigual e combinado, a diferenciação de áreas é inerente às primeiras comunidades humanas nas quais se iniciaram a divisão do trabalho, a cobrança de tributos, a propriedade privada, nas quais o espaço começou a ser produzido de forma desigual. Os diferentes grupos, espalhados pelo território, se relacionavam de formas desiguais e conseqüentemente produziam o espaço de forma diferente um dos outros, possibilitando o surgimento de áreas onde as marcas da presença humana era deixadas de forma desigual. Como pode-se observar em Correa (2007, p.19):

Em relação ao primeiro aspecto, é conveniente notar que a diferenciação de áreas vincula-se à história do homem, não se verificando de uma vez e para sempre. Tem uma gênese encontrada nas comunidades primitivas indiferenciadas, que implicava uma semelhança do espaço enquanto resultado da ação humana. Estas sociedades originárias tiveram, ao longo do tempo e do espaço, um desenvolvimento diferenciado, isto é, os processos internos de diferenciação e a difusão dos processos de mudança deram-se de modo desigual⁹. Assim, o aparecimento da divisão social do trabalho, da propriedade da terra, dos meios e das técnicas de produção, das classes sociais e suas lutas, tudo isto se deu com enorme distância em termos espaço-temporais, levando a uma diferenciação intra e intergrupos. Do mesmo modo, a difusão dos processos de mudança fez-se desigualmente, reforçando a diferenciação de áreas.

É no modo de produção capitalista, contudo, que essa diferenciação se aprofundará, pois nesse modo de produção a divisão territorial do trabalho, a propriedade privada dos meios de produção e a diferenciação de classes tornaram-se as bases sob as quais esse sistema se desenvolverá, tendo o Estado como suporte para garantir sua manutenção.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A lei do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky da suporte para as discursões até aqui apresentadas nesse subtítulo, pois de acordo com esse autor apesar dos diferentes espaços estarem em níveis diferentes de desenvolvimento, eles não estão dissociados, haja vista que para que existam espaços mais desenvolvidos é necessária a existência de espaços a serem explorados. A se referir a teoria do desenvolvimento desigual e combinado Correa (2007, p.19) faz a seguinte afirmação:

A lei do desenvolvimento desigual e combinado expressa particularmente uma das leis da dialética, a da interpenetração dos contrários. Refere-se ao fato de ser cada aspecto da realidade constituído de dois processos que se acham relacionados e interpenetrados, apesar de serem diferentes e opostos. A contradição que daí decorre é característica imanente à realidade e o elemento motor de sua transformação. Na lei que nos interessa, os dois processos são, primeiro o da desigualdade e, depois, o da combinação. Permite que se considere as diferenciações resultantes da presença de fenômenos originados em tempos históricos diferentes coexistindo no tempo presente. .e no espaço.

Esta breve exposição de como a análise regional pode ser compreendida tem como principal objetivo propor uma reflexão acerca de como essa temática tem sido debatida nos livros didáticos direcionados ao ensino de geografia. Na maioria desses livros, o conceito de região vem sendo discutido apenas sobre a luz dos métodos positivistas e\ou neopositivistas. Como justificativa de tal direcionamento empobrecedor, usa-se do discursso de que os professores não são capacitados para lidar com a diversidade de conteúdos teóricos, ou que os alunos não entenderiam os mesmos, como afirma Oliva (2004, p.40):

A simplicidade traz algumas consequências inaceitáveis, que enfraquecem o valor educativo da Geografia. Ao não lidar explicitamente com conceitos, comete-se a ingenuidade de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

naturalizar conceitos que inadvertidamente frequentam os textos de livros didáticos de Geografia. [...] Outra consequência do formato afirmativo dos livros é o ocultamento das divergências. Com isso retira-se o leitor – no caso o aluno – do fluxo vivo do pensamento, apartando-o da vida real. [...] O mais grave é que essa deformação da realidade vem quase sempre mascarada como necessidade pedagógica, ou como necessidade imposta pela realidade, pois de outra maneira os pobres professores do ensino médio e os alunos não entenderiam. Pobre pedagogia que começa por subestimar o potencial de aprendizagem das pessoas e suas necessidades.

Negando tal perspectiva pedagógica, e com o intuito de se construir novas possibilidades de se analisar a categoria de análise região nos livros didáticos expõem-se o estudo realizado no livro intitulado: Lições de Geografia: População e Atividades econômicas, Regiões do Brasil, dos autores Helio Carlos Garcia e Tito Marcio Garavello, acerca de suas análises sobre a região.

O livro didático e a questão regional

O livro didático pesquisado trabalha com a regionalização definida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 1969, momento em que o Brasil foi dividido em cinco grandes regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Para a realização de tal estudo foi necessário o levantamento de referencial bibliográfico, que deu-nos, o suporte teórico aqui apresentado, bem como pesquisa em livros didáticos possibilitando a escolha do livro que aqui será objeto de estudo. Ao realizar este estudo focamo-nos na análise de como a categoria de análise região é trabalhada, sem deixar de observar outros aspectos relevantes que podem contribuir com a pesquisa.

O livro possui uma linguagem clara, mapas, fotografias, gráficos e tabelas que facilitam o entendimento do conteúdo. O autor também recorre à fragmentos de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

artigos e reportagens que enriquecem a exposição do conteúdo. A forma como o autor aborda a região foi pautado não apenas em uma metodologia, mas utiliza aspectos de mais de uma corrente filosófica. Pode-se citar dentre elas a positivista, já que o mesmo define que a combinação e a interação dos fatores naturais caracterizam e diferenciam as diversas regiões brasileiras. E a neopositivista, pois a regionalização proposta pelo IBGE consistia, essencialmente, no levantamento de dados estatísticos com o objetivo de dar subsídio a lógica do desenvolvimento capitalista. A região construída por essa análise, portanto, teve como tarefa primordial organizar e planejar o espaço para fins capitalistas. Nesse período, por volta de 1969, utilizou-se o discurso do desenvolvimento regional para escamotear os reais interesses, assim segundo Correa (2007, p.48-49):

No capitalismo, as regiões de planejamento são unidades territoriais através das quais um discurso da recuperação e desenvolvimento é aplicado. Trata-se, na verdade, do emprego, em um dado território, de uma ideologia que tenta restabelecer o equilíbrio rompido com o processo de desenvolvimento [...].

Os autores apresentaram em seu livro conceitos de região amplamente utilizados pelos demais autores de livros didáticos no Brasil. Contudo, não se aprofundam nos pressupostos teóricos de cada corrente filosófica, nem apresentam a discussão dos demais métodos de análise que podem definir essa categoria, o que acaba por empobrecer o conceito discutido, já que o aluno precisa compreender que não existe apenas uma visão da categoria de análise região, que, como já verificado, pode ser vista sobre várias óticas, inclusive uma que leve à uma reflexão crítica a respeito da sociedade contemporânea, e considere o processo histórico da mesma, como a região de cunho marxista:

Um dos aspectos mais positivos da incorporação do marxismo em relação à temática regional foi a crítica à fetichização do espaço.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Essa abordagem também apontou para o quanto a reconstituição histórica pode ser reveladora para a compreensão da região em estudo. Em muitas análises, a região passou a ser vista como produto de uma divisão territorial do trabalho, tendo como referência o processo geral de produção capitalista. [...] (CARLOS, 2001, p. 196).

As idéias de Trotsky sobre o desenvolvimento desigual e combinado, que vai de encontro com a velha discursão presente em sala de aula, que afirma que os países encontram-se em diferentes fases de desenvolvimento devido os avanços tecnológicos até então alcançados, podendo essa realidade ser corrigida através da inserção de tecnologia e o avanço da indústria, o que sabe-se através dos estudos baseados no pensamento do autor acima citado ser irreal, haja vista que no modo de produção capitalista o subdesenvolvimento não pode ser superado, já que este sistema sobrevive graças as relações desiguais por ele promovidas e alimentadas, também vê a região de uma forma diferente a que se costuma verificar nos livros didáticos. Segundo Demier (2009, pp. 2-3):

Trabalhando com uma perspectiva que compreendia o capitalismo como uma totalidade contraditória, e não como uma mera soma de nações (partes) isoladas, Trotsky afirmava que as regiões “coloniais” e “semi-coloniais” não poderiam desenvolver a sua história em separado, e, portanto, não seria possível superar o atraso passando-se a um “estágio” superior ainda dentro dos marcos do capitalismo. O sistema capitalista, em especial a partir de sua fase imperialista, não deixaria mais espaço para esses desenvolvimentos “autônomos”, impossibilitando que a história das regiões retardatárias repetisse a história, repetisse as etapas das regiões pioneiras do capitalismo.

A região, no contexto contemporâneo pode e deve ser trabalhada na perspectiva social. O aluno deve compreender a importância dessa categoria para a análise do espaço geográfico, uma vez que regionalizar não significa apenas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

delimitar áreas. Sua capacidade intelectual não deve ser subestimada sob a égide de uma pedagogia simplificadora, em que o potencial discente é desvalorizado.

CONCLUSÕES

O objetivo desse artigo foi revelar a importância que a categoria de análise geográfica região pautado no materialismo histórico dialético assume no contexto contemporâneo, sendo, por isso, extremamente necessária sua discussão no Ensino Fundamental. Entende-se que o livro didático, é um importante recurso docente, e que merece uma atenção especial para comunidade acadêmica. Contudo, o livro didático deve ser usado enquanto meio, não enquanto a única ferramenta utilizada pelo professor em suas aulas, porque o mesmo nem sempre oferece as discussões epistemológicas necessárias para o crescimento do saber geográfico para os discentes do Ensino Fundamental.

A região, conforme discute-se no presente artigo, é uma categoria complexa, vista de várias formas, dependendo da postura metodológica assumida. No entanto, essa categoria é cada vez mais atual e de grande pertinência para a compreensão do espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTRO, GOMES; CORRÊA. In: Iná Elias de, Paulo Cesar da Costa e Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2007.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

DEMIER, Felipe. **A lei do desenvolvimento desigual e combinado de León Trotsky e a intelectualidade brasileira**: breves comentários sobre uma relação pouco conhecida. Rio de Janeiro: UFF, 2009.

FRANÇA e LEITE, Karla Christina Batista de e Silvia Silva Cavalcante. A Geografia e seus conceitos: Adeus região e viva ao território? In: **Anais do I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico**, 2008.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: Um retardo desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BRASIL, MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**: história, geografia. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/MEC/SEF, 1997.